

# IRMÃ MARIA TRONCATTI, ARTÍFICE DA RECONCILIAÇÃO E DA PAZ

Quinta-feira salesiana, 13 de março de 2025

Neste tempo de preparação para a celebração do 150º aniversário da primeira expedição missionária das Filhas de Maria Auxiliadora, tenho a alegria de partilhar convosco, no contexto desta Quinta-feira Salesiana e do Ano Jubilar durante o qual teremos a imensa alegria de viver o grande acontecimento da sua canonização, a experiência de santidade educativa da Ir. Maria Troncatti, Filha de Maria Auxiliadora que fez florescer a comunhão e a paz na selva amazônica do Equador. Esta experiência parece-me paradigmática e forte.

## Introdução

A Beata Irmã Maria Troncatti, foi missionária na Amazônia Equatorial de 1922 até à sua morte a 25 de agosto de 1969. O seu grande testemunho evangélico comunitário, vivido juntamente com as suas irmãs salesianas e os seus irmãos de missão, fez dela uma "*madrecita buena*", capaz de se "*fazer toda para todos*", segundo a expressão de São Paulo (1Cor 9,22) e de se "*integrar*" (EG, n. 87) com os *Shuar* e os colonos, para fazer brotar a cultura evangélica do encontro (QA. 22), da fraternidade, da paz e da vida.

Utilizo o termo "fraternidade" porque as duas etnias (*Shuar* e colonos) se encontraram a 25 de agosto de 1969, dia do funeral da Irmã Maria, que ocorreu num acidente de avião, "numa dor comum e numa expressão de pesar: 'morreu uma santa.... A nossa *mamita* já não vive!'"<sup>1</sup> A partir da sua morte, oferecida pela paz, desenvolveu-se uma força nova e duradoura que mudou as relações entre os *Shuar* e os colonos, por causa da sua presença misteriosa que atuava no meio das "crianças". De facto, os padres salesianos da missão, depois do nascimento da Ir. Maria para o céu, empreenderam novas obras com a colaboração de todos, num clima de fraternidade inacreditável.<sup>2</sup>

A sua figura, inscrita na experiência de comunhão entre as irmãs e os irmãos salesianos da missão na Amazônia, continua ainda hoje viva e eloquente, capaz de iluminar e dar alento à Igreja. O Papa Francisco, na sua Exortação Apostólica pós-sinodal "*Querida Amazônia*", dá voz aos Bispos do Equador que pedem "um novo sistema social e cultural que privilegie as relações fraternas, num quadro de reconhecimento e estima das diferentes culturas e ecossistemas, capaz de se opor a todas as formas de discriminação e dominação entre os seres humanos" (n. 22). Tais auspícios encontram na Beata Maria Troncatti, com as suas "interconexões evangélicas" da missão salesiana no Vicariato de Mendez, uma mestra e um modelo em quem inspirar-se e confiar-se.

## 1. Origens e vocação missionária

Maria Troncatti nasceu em Corteno Golgi (Brescia) a 16 de fevereiro de 1883, tendo sido batizada na igreja paroquial no dia seguinte. Na família e na paróquia distinguiu-se pela aprendizagem profunda das verdades da fé e pela participação diligente na catequese. Foi admitida à Primeira Comunhão aos seis anos de idade. A partir desse dia, foi assídua à Santa Missa e à Comunhão, de acordo com a frequência permitida pelas normas da época. Logo que atingiu a maioridade, entrou no Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e fez a sua profissão religiosa a 17 de setembro de 1908.

<sup>1</sup> CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM, VIC. APOST. MENDEZEN, *Beatificationis et Canonizationis Venerabilis Servae Dei Mariae Troncatti Sororis Professae Instituti Filiarum Mariae Auxiliatricis (1883-1969). Positio super miro*, Roma 2011, 9.

<sup>2</sup> Cf. CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM, VIC. APOST. MENDEZEN, *Beatificationis et Canonizationis Venerabilis Servae Dei Mariae Troncatti Sororis Professae Instituti Filiarum Mariae Auxiliatricis (1883-1969). Positio super virtutibus*, Roma 1997, 259

Durante a Primeira Guerra Mundial, frequentou cursos de preparação para enfermagem e trabalhou como enfermeira da Cruz Vermelha no hospital militar de Varazze, na Ligúria, procurando aliviar com cuidado materno o sofrimento físico e moral dos jovens feridos ou doentes que regressavam da guerra.

## 2. O início da missão

Em 1922, em resposta à sua generosa oferta missionária, foi destinada à selva amazónica do Equador, para iniciar a obra de evangelização entre os indígenas *Shuar*. A atividade missionária daquele pequeno grupo de irmãs, conduzida em nome de Nossa Senhora Auxiliadora e de Don Bosco, estendeu-se por toda a selva, graças ao apoio constante dos Padres Salesianos.<sup>3</sup>

Tanto em Guayaquil, como em Chunchi, a Ir. Maria exerceu a sua missão de educadora e enfermeira salesiana entre as jovens e o povo. <sup>4</sup>Depois de alguns anos, chegou a Macas, o maior centro do Vicariato de Mendez, perto do imponente rio Upano; ali, desde 1924, encontra-se a residência missionária salesiana, em torno da antiga imagem de Nossa Senhora, a *Purísima*, que remonta a pelo menos três séculos. Em torno deste "centro", desde então, gira a existência da Ir. Maria.<sup>5</sup>

A Ir. Troncatti e duas jovens irmãs, encarregadas da escola, chegaram a Macas no dia 4 de dezembro de 1925, festa da Puríssima. Antes da sua chegada, a Sra. Mercedes Navarrete tinha sido a responsável pela escola e tinha apoiado a fé entre os colonos, esforçando-se por promover a educação e a formação de raparigas com poucos recursos económicos. Com a chegada das Irmãs, deixou tudo nas mãos delas e disponibilizou-se como intérprete da língua *shuar*, dos cânticos e das actividades domésticas.<sup>6</sup> Nesta escola, "no início do ano letivo de 1926-1927, duas raparigas *shuar* entraram na sala de aula com as filhas dos colonos: pode parecer um facto insignificante, mas caiu um muro".<sup>7</sup>

## 3. Artesãos da reconciliação e da paz a partir dos mais pequenos

Nas suas memórias da primeira missão em Macas (1925-1930), a Ir. Domenica Barale conta que o início da missão foi com raparigas apáticas, sem vontade de estudar e de se formar. Depois vieram as raparigas, as adolescentes, as jovens com vontade de aprender, o que permitiu a formação de um pequeno internato.<sup>8</sup> A Irmã Barale acrescenta: "A partir daí, as nossas destinatárias eram as raparigas coloniais e *shuar* [...]. <sup>9</sup>Isto permitiu-nos ter uma certa relação também com os pais das raparigas da floresta, que visitávamos todos os domingos, juntamente com o padre, para a catequese, e com a ajuda de Deus ultrapassámos muitas dificuldades.

Eis a abordagem de Irmã Maria, das fma da comunidade e dos padres salesianos para fazer florescer a fraternidade: a escolha carismática da educação. O seu objetivo era *educar juntas* as novas gerações de "*etnias opostas*", fazendo-as conviver serenamente na escola, no internato, no pátio, tornando-as protagonistas de percursos educativos para a cultura do encontro, para o reconhecimento e a valorização das diversas culturas. <sup>10</sup>Como evangelizadores e educadores, os Salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora estavam convictos de que o binómio "evangelizar, educando" e "educar, evangelizando" os levaria, gradualmente, a uma mudança cultural, baseada na força do Evangelho,

<sup>3</sup> Cf. Dicastério para as Causas dos Santos, *Maria Troncatti*, in Id., *Santos e Beatos*, cf. <https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/maria-troncatti.html>, acedido em 14/07/2023.

<sup>4</sup> Cf. *Positio super miro*, 6.

<sup>5</sup> Cf. *Ibid*.

<sup>6</sup> Cf *Positio super virtutibus*, 100

<sup>7</sup> GRASSIANO M. Domenica, *Selva patria del cuore. Suor Maria Troncatti Figlia di Maria Ausiliatrice, missionária entre os Kivari*, Roma, Istituto FMA 1971, 113.

<sup>8</sup> Cf. *Positio super virtutibus*, 115.

<sup>9</sup> *Ibid*, 115 -116.

<sup>10</sup> Cf. FRANCISCO, Exortação Apostólica pós-sinodal, "*Querida Amazônia*" n. 22.

mediada pela contínua doação de si mesmos, para o bem dos jovens e das jovens e para a promoção do povo.

Com o seu testemunho de vida evangélica, fizeram da escola e do internato uma zona "franca" da lei da selva e do abuso, onde os equatorianos do futuro cresceriam na amizade, no respeito e no perdão. Estavam certos, por experiência carismática, de que os antigos alunos, regressando às suas kivarías, trariam uma nova vida baseada numa mentalidade inspirada no Evangelho e, assim, iriam gradualmente refrear as vinganças seculares e os abusos. De facto, "em 1930, pela primeira vez em Macas, celebrou-se o casamento cristão de duas jovens *shuar*, por sua livre escolha, já não predeterminada pelo contrato das famílias".<sup>11</sup> <sup>12</sup>Era um sinal de que, entre as jovens educadas no internato de Macas, se estavam a formar verdadeiras mulheres, conscientes das responsabilidades do seu batismo e desejosas de se tornarem apóstolas nas suas famílias e boas "donas de casa".<sup>13</sup>

Os *sdb* e as *fma* da missão, fiéis ao carisma salesiano, focalizaram a educação como caminho e porta para a evangelização da selva. Os irmãos salesianos, nas suas escolas e internatos, acolheram também os filhos dos colonos e dos *shuar*. Portanto, enquanto nas casas dos *kivarie* e dos colonos se incitava ao ódio, à prevaricação e à vingança, nas obras da missão salesiana, animadas pela Ir. Troncatti, pelas irmãs e pelos irmãos, a prioridade era educar, em nome do Evangelho, à convivência das etnias (*shuar*, colonos, missionários), à não vingança e ao perdão das ofensas. Toda a missão salesiana, com todos os seus membros, se tornou um verdadeiro laboratório de comunhão, um lugar onde se vivia e testemunhava o Evangelho do perdão e da fraternidade, uma missão fecunda e geradora de "novas criaturas", abertas à paz e à vida.

#### **4. A Reconciliação "no silêncio".**

Desde o início, a Irmã Maria chegou ao coração dos doentes através dos cuidados médicos e anunciou-lhes o Evangelho. Pouco a pouco, com a sua caridade sem limites e a sua ajuda sem reservas, conseguiu conquistar a população *shuar*.<sup>14</sup> Não tardou, porém, em aparecer os primeiros sinais de impaciência por parte de alguns colonos, que temiam que a sua autoridade de "senhores" sobre os nativos ficasse comprometida.<sup>15</sup> A pouco e pouco, "viram fugir-lhes das mãos os gonços do tranquilo poderio e do poder que exerciam, há gerações, sobre os *shuar*: como servos nas *vivendas*, ou como trabalhadores para derrubar árvores em proveito próprio, a troco de remunerações irrisórias, negociadas com degradante egoísmo", espelhos, pentes, colares. Por isso, alguns colonos espalharam falsos rumores no *kivarie*, junto ao rio Upano, de que os missionários atraíam rapazes e raparigas para os seus círculos e depois os vendiam "para fora". Ao saber disto, a Irmã Maria, sempre pronta a justificar e a perdoar, não dirigiu palavras de força às famílias Machianas, que ela tinha acolhido e beneficiado de muitas maneiras, mas optou pelo silêncio e pelas lágrimas. Escolheu a atitude pacífica de quem não se impõe, mas atrai. Com mansidão tocou o coração e falou ao coração daqueles que tinham espalhado a calúnia, tanto que se arrependeram e se tornaram apoiantes e promotores de uma maior presença dos jovens *Shuar* na missão salesiana.<sup>16</sup> A Irmã Maria sofreu, mas estava firmemente convencida, como dizia Don Bosco, de que em cada pessoa há um ponto acessível ao bem, e que os colonos tinham a "memória do coração" na qual conservavam todo o bem que tinham recebido dela. Ela acreditava, inspirada pelo Fundador, que "a educação é uma coisa do coração" e que "quem sabe que é amado, ama e quem ama, obtém tudo, especialmente dos jovens". Assim, os seus gritos manifestavam uma maior tolerância para com os *shuar* que se sentiam amados e cuidados por ela.

#### **5. "O 'Doutor e a Madrecita' da Paz".**

---

<sup>11</sup> *Positio super miro*, 7.

<sup>12</sup> Cf. *Positio super virtutibus*, 157.

<sup>13</sup> Cf. *ibid.* 159.

<sup>14</sup> Cf. *Positio super miro*, 6.

<sup>15</sup> *Positio super virtutibus*, 121-122

<sup>16</sup> Cf. *ibid.* 122.

Entre uma conversa e uma bebida fresca, ou entre um medicamento a administrar, um dente a arrancar e uma bala a extrair com um simples canivete, uma ferida infetada a limpar e a enfaixar, tinha sempre entre os lábios a oração *da Avé Maria* e, com perguntas maternas, preparava os seus doentes para receberem os sacramentos, administrados pelos seus irmãos de missão, ou dava-lhes os conselhos adequados. "O seu *botequim* tornou-se, de vez em quando, um ambulatório ou uma '*camera caritatis*', um centro de formação ou um lugar para corajosos exames de consciência, um oásis de conforto e de esperança para as almas oprimidas pela dor espiritual ou por problemas familiares".<sup>17</sup>

Desde o início do seu apostolado, resgatando e mendigando, a Irmã Maria conheceu a dura lei do sertão com o imperativo categórico da vingança. Para a cultura do homem *shuar*, o primeiro objetivo da vida consistia em poder vingar-se: isto é, matar, assumindo o risco permanente de ser morto. Não havia família que não tivesse a vingança cumprida ou a cumprir ou a temer. As crianças eram estimuladas ao ideal supremo de se tornarem bons guerreiros e hábeis caçadores. Na família, todas as manhãs, o pai promovia uma verdadeira "educação para a vingança", ou "escola do ódio". Apresentava a vingança como um dever sagrado, o maior dos deveres do povo *shuar*: as vinganças pessoais ou familiares podiam durar gerações e ter repercussões seculares mesmo entre tribos. Para os Kivaro, o estado de guerra era uma situação normal.<sup>18</sup>

De 1922 a 1969, a Irmã Maria foi a '*madrecita*', a 'médica' de todos, sem distinção, colonos e *shuar* encontraram nela um ponto de referência. Todos os dias ela tinha de lidar com pessoas: 'crianças' marcadas por feridas de lança e catana, ou envenenadas por vinganças internas sangrentas, ou exploradas como escravos pelos colonos. A violência abalava-a fortemente. Era necessária uma séria mudança de rumo através da educação e da evangelização das novas gerações e também do acompanhamento dos adultos de ambas as etnias. Ela conseguiu, com as suas palavras que iam diretamente ao coração e com a sua maternidade total, sem distinção, não só fazer coexistir as duas raças, mas também fazê-las "apoiarem-se umas nas outras e participarem da mesma justiça e da mesma caridade comum" (cf. *EG*, n. 87).<sup>19</sup> De facto, não só se encontravam juntos à espera, no limiar do seu humilde *botiquim* (farmácia-ambulatório colonos, meninas e raparigas que tinham fugido do seu kivarie por causa de litígios familiares, de crianças órfãs, devido ao envenenamento das suas mães, mas também de nutrizas de famílias coloniais e de ex-alunas *shuar*, catequizadas que iam "dar à luz", a crianças *shuar*, ou a bebés brancos abandonados.<sup>20</sup> Com o objetivo de "salvar vidas", ela levou naturalmente a cabo o processo de integração dos dois povos.

<sup>21</sup> Para levar a cabo este compromisso, pediu a muitas mulheres italianas que apoiassem estes pequeninos à distância, criando uma consciência da dignidade e da responsabilidade femininas, tanto entre as "amas" como entre as "madrinhas". Foi o mesmo *shuar* cristão, ou bom colono, que salvou os recém-nascidos do infanticídio materno, entregando-os à Irmã Maria "porque eram cristãos" e, portanto, conscientes do mandamento "Não matarás" e da dignidade inviolável da vida perante Deus.<sup>22</sup>

## 6. O Hospital "Pio XII", casa da fraternidade.

Os florescentes centros missionários de Macas, Sucúa, Sevilha, Don Bosco, foram testemunhas da dedicação heróica da Ir. Maria, que em 1947 começou a pensar em construir em Sucúa um pequeno hospital com o nome de Pio XII.<sup>23</sup> Em 1954, teve a alegria de o ver em funcionamento, em alvenaria,

---

<sup>17</sup> *Ibid.* 167.

<sup>18</sup> Cf. *ivi*, 107-108.

<sup>19</sup> Cf. *ibid.* 109.

<sup>20</sup> Cf. *ibid.* 239.

<sup>21</sup> Cf. *ibid.* 111.

<sup>22</sup> Cf. *ivi*, 164.

<sup>23</sup> *Positio super miro*, 8.

feliz por poder acolher os doentes e curar, não só os males físicos, mas também os da alma. <sup>24</sup>Em 1961, acrescentou um pavilhão dedicado à maternidade.

<sup>25</sup>Em 1960, juntamente com o missionário eslovaco Pe. Juan Shutka, pensou em agrupar os centros *shuar* numa federação, para o que prepararam para cada aldeia um professor-catequista e jovens enfermeiras para garantir os primeiros socorros. <sup>26</sup>Na mesma altura (1960-1962), para formar as mulheres e sensibilizá-las à sua dignidade e responsabilidade, bem como complemento educativo para os internatos, organizou também "cursos de costura, cozinha, higiene e puericultura.

O hospital era a casa de todos. Era o lugar de união e de convivência entre as duas etnias, e a sua pessoa era a força centrípeta que atraía para si, apenas para encaminhar para Deus todos os que se aproximavam dela por qualquer necessidade. Todos sabiam que, na oração, a Irmã Maria era a porta-voz de todos os doentes e de todas as pessoas de quem se aproximava indiscriminadamente. Bastavam algumas palavras diretas ao coração e tornavam-se familiares. <sup>27</sup> Os pavilhões à direita e à esquerda do hospital eram para todos, mas durante algum tempo teve alguns quartos dedicados *aos shuar* que não estavam habituados a viver num quarto verdadeiro, numa verdadeira cama, e também porque, quando se mudavam da kivaria, mudavam-se com as suas famílias. <sup>28</sup> Este era um testemunho vivo da justiça cristã. Enquanto todos encontravam nela conforto, ajuda e cuidados, o seu coração bom e materno dava atenção e carinho aos seus filhos mais necessitados.

Nas múltiplas actividades do *botiquim*, e depois do hospital, a Ir. Maria cuidava também da saúde dos próprios missionários, comprometida pelas longas viagens de evangelização, pelo trabalho quotidiano da escola e do internato, pelo trabalho agrícola e pelas construções a erguer, retirando espaço à floresta, ou ao rio, pelos incómodos do clima, pelas doenças e pela alimentação pobre e escassa,

Os irmãos descreviam-na como "*como uma madre*", "*una verdadera madre*", "*una mamá*". Bastava escutar os problemas e as alegrias da evangelização, uma bebida fresca, um remédio, um remédio para os pés cansados e doridos, para criar comunhão e fraternidade. <sup>29</sup>A extrema caridade para com os missionários fundava-se no espírito de fé que sabia ver nos sacerdotes os ministros de Deus.

## 7. Sevilha Don Bosco, a cidadela da paz

Em 1957, a missão de Sevilha Don Bosco, situada do outro lado do rio Upano, obteve o decreto de ereção como paróquia e, no ano seguinte, o governo reconheceu-a como aldeia e como "paróquia civil", ou seja, uma entidade administrativa de direito próprio, governada por um "tenente político" branco (com funções semelhantes às de um presidente de câmara), com um "ajudante" *shuar* (ou vice-prefeito). Foi o primeiro caso a ser reconhecido: Sevilha representou para a missão salesiana a realização de um verdadeiro prodígio, a primeira cidade composta por *shuar*: todos batizados e provenientes dos internados da missão. Uma primeira lista dos membros dos vários centros *shuar* foi preparada pelos próprios missionários, e iniciou-se também um importante processo de agregação dos centros com a constituição da *Associação dos Centros Chivar* através da primeira Convenção dos Responsáveis Chivar, validada em Sucúa a 15 de setembro de 1961. Estes passos permitiram criar um novo sentido de dignidade entre os *shuar* locais, uma consciência dos seus direitos, garantidos e salvaguardados também pela lei de Deus, a oportunidade de criar agrupamentos estáveis e de estimular o nascimento de cooperativas de ajuda mútua. A Associação tinha o seu próprio executivo, estabelecia assembleias gerais com os seus próprios estatutos que foram também adotados, com ratificação governamental (Ministério do Trabalho, Gabinete Central de Estatística), por outros

---

<sup>24</sup> Cf. *Positio super virtutibus*, 225.

<sup>25</sup> Cf. GRASSIANO M. Domenica, *Selva patria del cuore*, 364.

<sup>26</sup> *Positio super virtutibus*, 238.

<sup>27</sup> Cf. *ivi*, 172.

<sup>28</sup> Cf. GRASSIANO M. Domenica, *Selva patria del cuore*, 318.

<sup>29</sup> Cf. *Positio super virtutibus*, 184-186.

centros: Sucúa, Limón, Méndez, Bomboiza, Chiguaza, Sevilla don Bosco, Yaupi. Cada centro assinou o acordo, que foi rubricado por um padre missionário '*encargado de asuntos jíbaros*'.

## **8. A reconciliação passa pela promoção humana**

Em Sucúa, a 12 de janeiro de 1964, na primeira Convenção Provincial de Dirigentes de Centros *Shuar*, foi planeada a *Federação de Centros Shuar*, que foi reconhecida pelo Ministério e aprovada com estatuto legal a 12 de outubro do mesmo ano. A federação contava com cerca de 70 centros e mais de 13.000 membros registados. O padre salesiano Juan Shutka era o conselheiro eclesiástico, porque representava a missão de Sucúa.

O objetivo da Federação era encorajar o desenvolvimento económico através da criação de gado, da criação de pastos e do reconhecimento do título legal das suas terras, e promover o orgulho étnico através de curtas emissões de rádio, diárias, na língua *shuar*, a partir da sua nova sede em Sucúa. Além disso, a Conservatória do Registo Civil de Sucúa enviou funcionários aos centros federados, para facilitar o recenseamento da população e a regularização do estado civil de cada membro.

Era do conhecimento de todos, que a Irmã Maria se interessava por todas as situações que diziam respeito à vida dos seus "queridos shuar"; que se alegrava com o caminho de promoção desta gente e era uma "defensora" convicta dos seus direitos, sobretudo no que diz respeito à terra, ao salário, às compras e vendas, e seguia todos os passos, mesmo sabendo que alguns colonos não estavam contentes com este progresso. De facto, eles desaprovam estes passos de promoção humana e cultural. Isto reacendeu um clima de hostilidade que não se via desde 1941. A grande fricção entre os dois grupos étnicos baseava-se também na diferença de conceção do valor da terra. Os *Shuar*, criados em terras "livres", tinham dificuldade em habituar-se ao conceito de propriedade limitada. Além disso, sendo caçadores, não baseavam a sua subsistência apenas na agricultura e na criação de gado. Os colonos, por seu lado, olhando sobretudo para as terras das zonas administradas pela missão no vale do Upano, consideravam-nas pouco exploradas para a agricultura, enquanto os *Shuar* estavam convencidos do contrário. Este contraste gerou descontentamento, porque os *shuar* sofriam de falta de terras adequadas, enquanto os brancos consideravam que os kivares não estavam a utilizar plenamente todo o seu território.

## **9. O amor "apaga o fogo" do ódio.**

Em 1969, por causa da Federação, o ambiente de Sucúa tornou-se um centro de reações negativas, de fermentação e de confrontos sobre os diferentes interesses dos dois grupos étnicos. A ela se juntaram algumas franjas anticlericais do lugar, que queriam a morte dos padres e das Irmãs; atitudes também de alguns jovens atingidos pelo clima dos anos 60, típico dos países estrangeiros.<sup>30</sup> Decidiram fazer com que os seus representantes legais, os padres salesianos, pagassem pelo progresso do povo *shuar*. No Boletim Salesiano, nº 19, de 1969, lemos que: "Sucúa é o cadinho onde começou a fusão de duas raças inimigas: os Kivares, indígenas da região, e os colonos brancos que vieram do planalto. Recentemente (referimo-nos aos primeiros meses de 1969), novos atritos surgiram, devido à cobiça dos colonos... Os missionários, é claro, ficaram do lado dos mais fracos. Daí a ira de alguns brancos".<sup>31</sup>

Entre os últimos dias de junho e o dia 4 de julho, convocada pelo Pe. Shutka, teve lugar a 'semana da cooperativa agrícola', uma forma de promoção para a qual todos (brancos e *shuar*) foram convidados. Alguns colonos ficaram furiosos com a presença maciça de *shuar* na cidade, nesses dias. Como vingança, na noite de 4 de julho, foi ateado um grande incêndio na casa dos Salesianos e toda a gente tinha a certeza que tinham sido alguns colonos. Tudo foi queimado, mas não houve vítimas.

---

<sup>30</sup> Cf. *ibid.*, 240-245.

<sup>31</sup> GRASSIANO M. Domenica, *Selva patria del cuore*, 336.

A Madre Troncatti, depois de se certificar de que não havia mortos, retirou-se para a igreja para agradecer ao Senhor que tinha permitido que não houvesse mortos e para pedir perdão a quem tinha feito tal ato. Na manhã de 5 de julho, como fazia todos os sábados, participou no "terço da madrugada". Todos viram a Irmã Maria a chorar, enquanto desenrolava a sua coroa.<sup>32</sup>

A Irmã Maria sofreu muito. Ela amava a todos com um coração de mãe. Confiando a sua dor a Nossa Senhora, ela procura remediar a situação que poderia ter resultado numa verdadeira catástrofe. Como parar este turbilhão de violência, pronto a vingar-se?

Já desde os primeiros sinais de "aviso" ela tinha dito que a paz e a vida de um padre valiam muito mais do que a sua própria vida. E noutras ocasiões, depois do incêndio, tinha dito às suas Irmãs que as duas raças não se reconciliariam se não houvesse uma vítima disposta a sacrificar-se por elas.<sup>33</sup> Enquanto isso, os *shuar* estavam prontos para contra-atacar. Já tinham ido com as suas lanças ter com a Irmã Maria, prontos a intervir e a vingar-se. Os seus educadores, os seus formadores, os seus pontos de referência tinham sido atingidos e tinham de ser vingados. Foram horas terríveis entre os filhos da floresta e a fê desarmada da Irmã Maria, que conseguiu convencê-los: "Nós ensinamo-vos a ser caridosos e a perdoar as ofensas."<sup>34</sup> Se me amais verdadeiramente, deponde as vossas armas aos meus pés", e assim fizeram.<sup>35</sup> Quando as pessoas vinham ao seu encontro e se preocupavam com a possível vingança dos *Shuar*, a Irmã Maria respondia: "Ficaria muito feliz em oferecer a minha vida para que a paz voltasse a esta população". O Padre Juan fala também do Evangelho e do perdão da ofensa até ao momento em que os *Shuar* decidiram esquecer o assunto. "Não havia nada."<sup>36</sup> E isso era a prova de que o cristianismo se tinha enraizado profundamente no povo *shuar*: não foram precisas muitas gerações. Era a prova de que amavam verdadeiramente os missionários, os seus formadores e educadores. A dádiva de si, o amor tinha feito ruir pilares milenares.

## 10. Dar a vida pela paz entre os povos

No dia 5 de agosto, a Ir. Maria participou na festa da Puríssima, em Macas, e esteve também presente em duas ordenações diaconais de jovens ligados à missão. Confidenciou a uma Irmã *que a Puríssima* lhe tinha dito para se preparar, porque em breve lhe iria acontecer algo de grave. No dia 25 de agosto, preparou-se para partir de avião para Quito para fazer exercícios espirituais. Assegurou às Irmãs com convicção que em breve, muito em breve, a paz e a tranquilidade voltariam.<sup>37</sup> Alguns segundos depois do voo, o avião despenhou-se no chão e a Irmã Maria morreu, instantaneamente.

Com imensa dor, a notícia da sua morte espalhou-se pela região.<sup>38</sup> Com devoção e dor "uma família de colonos ofereceu um nicho no seu próprio túmulo feito de tijolos" para a sua sepultura. Ninguém queria que o corpo sem vida da Irmã Maria fosse levado para Quenca, para o túmulo do Instituto, porque ela devia permanecer entre os seus "filhos" como uma presença geradora de paz e de fraternidade. Apareceu um arco-íris que durou até ao enterro da Irmã Maria. Todos fizeram uma leitura bíblica daquele sinal, como confirmação de uma aliança de paz, aceite.<sup>39</sup> <sup>40</sup>A sua oferta de vítima foi vista "como o toque final das suas inúmeras obras de caridade, praticadas para ajudar os seus irmãos e irmãs, fossem eles colonos, *shuar*, ou irmãos e irmãs, para trazer paz e serenidade a todos eles, unindo-os de novo, como ela sempre desejou".

Entre as suas prioridades esteve sempre o empenhamento na educação e na promoção das

---

<sup>32</sup> Cf. *ibid.* 338-341.

<sup>33</sup> Cf. *Positio super miro*, 8.

<sup>34</sup> *Positio super virtutibus*, 249.

<sup>35</sup> *Ibid.*, 250.

<sup>36</sup> GRASSIANO M. Domenica, *Selva patria del cuore*, 344.

<sup>37</sup> Cf. *Positio super miro*, 9.

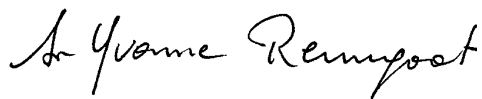
<sup>38</sup> GRASSIANO M. Domenica, *Selva patria del cuore*, 367.

<sup>39</sup> *Ibid.*, 368-369.

<sup>40</sup> *Positio super virtutibus*, 259.

mulheres. Na cultura *shuar*, as mulheres eram muitas vezes rebaixadas e penalizadas, porque eram dependentes dos seus maridos e exploradas, para os trabalhos mais duros, sem ter em conta os seus deveres de maternidade e de cuidado dos filhos.<sup>41</sup>

A Irmã Maria Troncatti, autêntica artífice da reconciliação, da consciência da dignidade e da responsabilidade da mulher, em todos os contextos, continua a desafiar-nos e a estimular-nos, hoje, a percorrer corajosamente caminhos de comunhão, de desenvolvimento, de cuidado da vida em todas as suas expressões, com especial atenção à promoção do mundo das mulheres com a paixão de Don Bosco e de Madre Mazzarello.



---

Irmã Yvonne Reungoat fma

---

<sup>41</sup> Cf. *Positio super miro*, 8.